



## Histórias e memórias das lideranças quilombolas de Queimadas: olhares que se cruzam

## Stories and memories of quilombolas leaderships of Queimadas: looks that cross

**Érica Samily Silva Teixeira**

 <http://orcid.org/0000-0001-6427-1537>  
Universidade do Estado da Bahia  
erica\_samily@hotmail.com

**Dinalva de Jesus Santana Macêdo**

 <http://orcid.org/0000-0001-8702-5048>  
Universidade do Estado da Bahia  
dinalvamacedo@hotmail.com

**DOI: 10.22481/odeere.v5i9.6714**

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo conhecer as histórias e memórias da comunidade quilombola de Queimadas, situada no município de Guanambi Ba, tendo como foco as trajetórias de vida dos líderes locais e sua relação com a educação escolar. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa entrevistas semiestruturadas com sete lideranças quilombolas, observação participante e diário de campo. Para a análise e a interpretação dos dados recorreu-se da técnica de análise de conteúdo na modalidade temática. Os resultados sinalizam as dificuldades vivenciadas durante a infância e juventude dos quilombolas e que permanecem até os dias atuais. É possível perceber como os olhares se cruzam através dos discursos que retomam nas experiências durante a formação da comunidade. Além disso, a intensa relação com o trabalho e ausência de políticas públicas é recorrente nos relatos apresentados. Dentre os vários fatores que dificultaram e/ou dificultam os quilombolas permanecerem na escola, com vistas

ao processo de escolarização, podemos destacar, o currículo que produz a invisibilidade desses sujeitos e a migração em busca da sobrevivência. Nesse sentido, é urgente uma escola dentro da comunidade, referenciada na perspectiva de uma educação escolar quilombola, tendo os líderes locais como protagonistas, para que os conteúdos escolares dialoguem com suas histórias, memórias, lutas e vivências. Ademais, é imprescindível investimento do poder público local, para a melhoria da qualidade de vida dos quilombolas, bem como formação específica dos professores, tendo em vista a construção de uma educação diferenciada, contextualizada e antirracista.

**Palavras-chave:** Lideranças; Quilombo; Educação; Memória; História.

**ABSTRACT:** The study aims to learn the stories and memories of the quilombola community of Queimadas, located in the municipality of Guanambi Ba, focusing on the life trajectories of local leaders and their relationship with school education. Semi-structured interviews with seven quilombola leaders, participant observation and field diary were used as research instruments. For the analysis and interpretation of data, the content analysis technique was used in the thematic modality. The results indicate the difficulties experienced during the childhood and youth of quilombolas and that remain until today. It is possible to perceive how the eyes meet through the discourses that they retake in the experiences during the formation of the community. In addition, the intense relationship with work and the absence of public policies is recurrent in the reports presented. Among the various factors that made it difficult and / or difficult for quilombolas to remain in school, with a view to the schooling process, we can highlight: the curriculum that produces the invisibility of these subjects and migration in search of survival. In this sense, there is an urgent need for a school within the community, referenced from the perspective of quilombola school education, with local leaders as protagonists, so that the school contents dialogue with their stories, memories, struggles and experiences. In addition, investment by the local government is essential to improve the quality of life for quilombolas, as well as specific training for teachers, with a view to building a differentiated, contextualized and anti-racist education.

**Keywords:** Leadership; Quilombo; Education; Memory; History.

## 1 Introdução

Este artigo tem como propósito apresentar alguns resultados de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)<sup>1</sup>, que foi realizado a partir de uma pesquisa desenvolvida durante dois anos como bolsista de Iniciação Científica (IC). O estudo objetivou conhecer as histórias e memórias da comunidade quilombola de Queimadas, tendo como foco as trajetórias de vida dos líderes locais e sua relação com a educação escolar.

Conforme dados atualizados pela Fundação Cultural Palmares até a portaria nº 36 de 21/02/2020, o Brasil tem 3.432 comunidades quilombolas, destacando o estado da Bahia com 817 comunidades certificadas como quilombolas. E o Território de Identidade do Sertão Produtivo<sup>2</sup> tem cerca de 55 comunidades certificadas, dentre essas encontram-se a comunidade Quilombola de Queimadas certificada através da portaria 84 de 09/06/2015, localizada no município de Guanambi no distrito de Mutãs, e a comunidade quilombola de Morro de Dentro certificada através da portaria 236/2019 em 31/12/2019, ambas pertencentes ao município de Guanambi-BA.<sup>3</sup>

A comunidade Quilombola de Queimadas está localizada cerca de 6 km do distrito de Mutãs e de acordo dados fornecidos pelo presidente da associação, a referida comunidade possui 118 famílias, totalizando aproximadamente 450 pessoas. Os sujeitos da pesquisa são sete lideranças quilombolas, sendo quatro homens e três mulheres entre 59 a 86 anos de idade. Uma liderança tem três filhos, duas têm 09 filhos e as outras quatro 10 filhos cada uma. Esses dados nos mostram que essas famílias são constituídas por um grande número de filhos.

Dentre essas lideranças, nenhuma concluiu sequer o ensino fundamental, pois frequentou poucas vezes à escola, algumas não conseguem assinar nem o próprio nome. Apenas uma não é aposentada, e todas têm filhos e ou netos que

---

<sup>1</sup> A pesquisa contou com bolsas PICIN/PIBITI da Universidade do Estado da Bahia e da Fundação do Amparo da Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB/IC).

<sup>2</sup> Este Território é composto de 20 municípios: Brumado, Caculé, Caetité, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiu, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Tanhaçu, Tanque Novo e Urandi. Disponível em: [seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17](http://seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17). Acesso em: 15 de maio de 2020.

<sup>3</sup> BRASIL, Fundação Cultural Palmares. **Certidões expedidas e Comunidades certificadas** (Dados atualizados até a Portaria nº 36 de 21/02/2020). Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 05 de maio de 2020.

estudam em uma das escolas do distrito, localizada na cidade de Mutãs que atendem estudantes de Queimadas e de várias localidades.

Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos a partir dos seguintes critérios de inclusão: lideranças quilombolas residentes na comunidade com mais de 50 anos de idade, atuantes nas discussões e reuniões da associação e que conhecem a história da comunidade e que têm filhos e/ou netos que estudam nas escolas de Mutãs.

São quatro escolas públicas situadas em Mutãs, três municipais que atendem estudantes da Educação Infantil aos últimos anos do ensino Fundamental e uma Estadual que atende estudantes do ensino Médio. Esses estudantes são do próprio distrito de Mutãs e das comunidades em seu entorno, dentre os estudantes atendidos pelas escolas, aproximadamente 48 são da comunidade Quilombola de Queimadas. Esse número varia de acordo com o tempo, podendo diminuir ou aumentar a depender da migração dos pais e jovens que vão para outros lugares em busca de trabalho para a sobrevivência.

Nesse sentido, este estudo insere-se no âmbito da pesquisa de abordagem qualitativa, de perspectiva etnográfica, pois existe intensa relação com pessoas, fatos e locais. O foco de interesse é a descrição da cultura, ou seja, as práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados de um determinado grupo social, e por isso o pesquisador aproxima-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto<sup>4</sup>.

Os instrumentos de coletas de dados foram entrevistas<sup>5</sup> semiestruturadas, observação participante e o diário de campo. Além de conversas informais com alguns moradores da própria comunidade. Todas as entrevistas ocorreram na comunidade durante cinco visitas de campo realizadas na casa de cada entrevistado, em horários e dias diferentes, que tiveram uma duração em média de três horas.

Importar registrar, que o trabalho de campo só foi realizado depois da aprovação do comitê de ética de Pesquisa da Universidade do Estado da Bahia.

---

<sup>4</sup> ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Etnografia da Prática escolar**. 15. Ed. Campinas. São Paulo: Papyrus, 2008.

<sup>5</sup> As entrevistas foram transcritas na íntegra, desse modo, não houve correção da escrita para norma padrão, preservando a fala dos interlocutores.

A análise e interpretação dos dados foram feitas com base na técnica de análise de conteúdo na modalidade temática. É necessário ao analisar os dados enxergar para além das aparências tendo em vista desvendar o que está por detrás dos conteúdos. Nesse sentido, o conceito central é o tema, mas deve-se ter uma visão geral do conjunto, ou seja, compreender o contexto da qual faz parte a mensagem dos interlocutores que estamos analisando para apreender o objeto de estudo<sup>6</sup>.

Os resultados apontam como os olhares das lideranças quilombolas sobre suas histórias e memórias se cruzam, através dos relatos orais de alegrias e tristezas, que preservam sua cultura. Além do mais, evidenciam a necessidade de investimento de políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida e da educação escolar destinada à comunidade, tendo em vista transgredir os currículos para a construção de práticas educativas interculturais que contemplem os saberes tradicionais, a história e a cultura dos quilombolas.

## **2 A formação da comunidade quilombola de Queimadas: a oralidade como elemento de preservação da cultura**

Antes de discutir sobre a formação da comunidade Quilombola de Queimadas é importante tecer algumas considerações a respeito da formação dos quilombos, da sua conceituação e ressemantização, tendo em vista o reconhecimento dos negros como atores sociais que resistem e lutam contra o racismo, a opressão, a discriminação e o preconceito em favor de seus direitos à terra, à moradia, à saúde, à educação, bem como pela valorização e preservação de suas tradições culturais.

Os negros escravizados lutaram pela conquista de sua liberdade através de várias formas de protesto, dentre elas, insurreições, rebeliões, assassinatos, fugas que quase sempre acabava em castigos severos por parte dos feitores e capitães do mato. Todavia a fuga, sem dúvidas, foi uma das maiores formas de resistir e lutar

---

<sup>6</sup> GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social Teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

pela liberdade durante esse período<sup>7</sup>.

Rebelar contra o regime que assolava a população negra era uma importante forma de resistir e lutar pela vida, pois, se não morressem tentando escapar morreria pelos maus tratos e longos períodos de trabalho intenso. Sendo assim, as primeiras formas de manifestação do movimento negro, surgem junto com os quilombos na tentativa de resistir e lutar por melhorias de vida durante o período da escravidão.

Desse modo, não houve um desenvolvimento linear dos quilombos e nem suas formações obedeceram a uma regra única. Os pensamentos reduzidos e concepções unidimensionais sobre essas comunidades, não deixam espaço para compreender que os homens e mulheres que optaram por fugir e resistir ao sistema escravocrata tiveram atitudes corajosas e extremamente originais em diferentes momentos e espaços de lutas contra o escravismo.<sup>8</sup>

Após muitos anos de lutas dos movimentos sociais, militantes e intelectuais negros, estudiosos, pesquisadores negros e não negros, com a redemocratização do país, especificamente a partir da constituição de 1988, as comunidades quilombolas ganham visibilidade na arena política como sujeitos de direitos<sup>9</sup>. Especificamente no art. 68 onde declara que “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.<sup>10</sup>

Com vistas a ressemantização do conceito tradicional e estático de quilombo presente na constituição Federal e a aplicabilidade do art. 68, em 20 de novembro, de 2003, institui-se o decreto nº 4.887, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. O Art. 2º traz

<sup>7</sup> GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. São Paulo: Ed. Claro Enigma, 2015.

<sup>8</sup> SILVA, Valdélino Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de quilombo**. 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36527896-Santos-silva-valdelio-rio-das-ras-a-luz-da-nocao-de-quilombo-afro-asia-num-23-1999-p-0-universidade-federal-da-bahia-bahia-brasil.html>. Acesso: 10 de março de 2019.

<sup>9</sup> MACÊDO. Dinalva de Jesus Santana. **O Currículo Escolar e a Construção da Identidade Étnico-racial da Criança e do Adolescente Quilombola**: um olhar reflexivo sobre a autoestima. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2008.

<sup>10</sup> BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

a seguinte definição de quilombo:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.<sup>11</sup>

Nesse cenário, os quilombolas vêm lutando pela certificação de suas comunidades, pela posse e titulação da terra, como também pela melhoria da qualidade de vida e por uma educação diferenciada que contemple as suas especificidades.

As comunidades quilombolas mantêm uma intensa relação com o território, com suas marcas de lutas que estão sempre em processo de ressignificação. Desse modo, é necessário compreender que o uso da terra não parte unicamente pelo olhar do processo extrativista, como a agricultura, mas o lugar onde se vive, onde os laços são construídos e vidas nascem e se findam. Além disso, diferente do que muitos estudiosos pensam, essas comunidades se relacionam com seu meio exterior e não são grupos isolados.<sup>12</sup>

As histórias dessas comunidades são construídas e perpassadas através de relatos orais, ou seja, essas narrativas vêm para tampar as lacunas deixadas pelos documentos oficiais. Assim sendo, entendemos que por meio da história oral “movimentos de minorias culturais e discriminadas têm encontrado espaço para abrigar suas palavras, dando sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias.”<sup>13</sup> Nesse sentido, os depoimentos orais constituem um conjunto central de informações importantes para a pesquisa. Nesse ponto é válido ressaltar que todas as histórias contadas pelos moradores de Queimadas são relatos de sua vida que têm intensa relação com as lutas e demandas locais.

A memória das lideranças quilombolas registra testemunhas de outros tempos que exercem uma função social de recordar as histórias que refazem um

<sup>11</sup> Brasil, **Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm). Acesso: 15 de maio de 2020.

<sup>12</sup> SILVA, Valdélcio Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de quilombo.** 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36527896-Santos-silva-valdelio-rio-das-ras-a-luz-da-nocao-de-quilombo-afro-asia-num-23-1999-p-0-universidade-federal-da-bahia-bahia-brasil.html>. Acesso: 10 de março de 2019.

<sup>13</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005. (p. 44).

passado. Então, isso quer dizer que boa parte do que somos hoje, nossas vivências, lembranças, não são totalmente originais, são inspiradas por outras pessoas que viveram antes.<sup>14</sup> A trajetória dos moradores é contada e recontada através das gerações pelos relatos orais dos mais velhos da localidade. Essas narrativas ganham novos significados a cada geração. Sendo assim, o que era considerado sofrimento pelos primeiros moradores, hoje é motivo de grande orgulho pelos seus descendentes.

De acordo com os relatos orais, os primeiros moradores chegaram a Queimadas por volta de 1915, o território era denominado de Lagoa do Major, isso porque o proprietário de nome não identificado possuía inúmeras hectares de terras, e tal fato o tornava um homem rico e influente naquela época.

Como consta no relatório construído para a certificação da comunidade, as terras do Major localizavam-se nas intermediações da cidade de Palmas de Monte Alto que dista 15 km da fazenda que era conhecida por Lameirão e se estendiam até a região da antiga Lagoa do Major, atual Comunidade Quilombola de Queimadas.<sup>15</sup>

No ano de 1915, o referido Major, trouxe da cidade de Igaporã para suas propriedades os ex-cativos José, Francisco, Ana e Maria Antônia. Ambos ficaram residindo na fazenda Lagoa do Major, com intenção de realizar os trabalhos na fazenda do proprietário. Como relata um líder local bisneto dos primeiros moradores:

Eu sei de ouvir contar, meu bisavô me contou que dois casais [Zé vei e Maria Antônia] e [Francisco Chagas e Ana]. Elas eram duas irmãs. Eles vieram para cá, para trabalhar pra um coronel, dono de uma senzala que ficava a duas léguas e meia que chamava naquela época e hoje é 15 quilômetros. Aqui era de um major, e por isso chamava o nome antigamente era Lagoa do Major (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019).

A fala da liderança nos mostra indícios de que os primeiros moradores vieram

<sup>14</sup> SILVA, Simone Rezende da. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: LOMBA, Roni Mayer, et. al (org.). **Conflito, territorialidade e desenvolvimento**: algumas reflexões sobre o campo amapaense. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014, (p.1-14).

<sup>15</sup> SANTOS, Jamille Pereira Pimentel dos. **As etnicidades geracionais presentes na dinâmica do nascer, viver e morrer na comunidade quilombola Queimadas, Guanambi/BA**. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2017.

para essa região, trazidos pelo coronel Major. Se observarmos as datas que aparecem nos relatos e compararmos com as dos documentos oficiais, percebe-se que foram apenas 27 anos de diferença entre a chegada dos primeiros moradores de Queimadas e a abolição da escravatura. Desse modo, a chance dos familiares até mesmo os próprios José e Maria Antônia terem nascido em senzalas é muito alta.

A liderança continua “[...] meu tio veio refugiado de um quilombo, minha bisavó também, de uma cidade chamada Maracás, o tráfico de pessoas trouxe ela pra cá, os escravizados vinham correndo para se esconder aqui, ai eles faziam aquelas cabanas de casca de pau e palha (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). Então, a formação da comunidade se deu através de cabanas improvisadas pelos negros refugiados, que encontraram ali, um lugar para se viver e constituir suas famílias.

A comunidade começou a se constituir quando José (Zé véi) compra o primeiro pedaço de terra em 1918, em troca de dias de trabalho para o então proprietário, logo em seguida os primeiros moradores começam a construir as residências com barro e palha. De acordo com moradores, o crescimento não aconteceu de forma linear, mas timidamente, os filhos dos mais antigos moradores foram construindo as residências próximas aos pais. Como afirma outra liderança que é neto de Zé vei: “esse tanto de casa começou agora, antes era só a casa dos mais velhos, agora encheu, os filhos tudo construiu perto dos pais.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 5, março de 2019).

Outra liderança ressalta: “Aqui começou com umas casinhas de enchimento, coberta de palha” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 2, março de 2019). Essas casas de enchimento eram construídas a partir de estruturas de madeira, tiradas das matas virgens, logo em seguida, fabricavam uma massa resistente com barro e água e aplicavam dentro da parte construída. Desse modo, iam enchendo com essa mistura até a residência ganhar forma. Essa dinâmica de construção era uma alternativa, pois naquela época faltavam recursos financeiros para os materiais necessários. Os moradores apenas dormiam nesses locais, pois durante o dia dedicavam-se ao trabalho árduo na fazenda. Outra liderança relata:

Aqui antigamente tinha menos casas, poucas casas mesmo, aqui

tinha a casa de finada Dilina, a casa de finado Zé Marco. Onde é aquela vendinha, era casa do avô de Manuel [líder da comunidade e neto de Zé vei], ali [apontando para uma casa ao lado] onde tem aquele pé de tamarino, era a casa de finada Antonia. Ai os filhos foram casando e ficando por aqui, ai tem esse tanto de casa hoje (LIDERANÇA QUILOMBOLA 3, março de 2019).

Essas pessoas que a liderança faz referência já faleceram, isso é perceptível quando ela atribui “finado/finada” antes dos nomes, relacionando aos primeiros moradores da comunidade. Dessa forma, fica evidente que todas as pessoas que residem na comunidade possuem algum tipo de parentesco com Zé vei e Maria Antônia, pois foi a partir deles que todas as outras gerações foram se formando.

A família de José foi crescendo e continuando na localidade de Queimadas trabalhando para o coronel Major, também plantavam mandioca, milho e produziam a farinha e o fubá para alimentação, algodão para produção de um vestuário denominado riscado, embornal e coxinilho para colocar sobre os burros no momento de montar. Com o passar do tempo os filhos de José foram se casando com moradores de comunidades próximas e sendo construídas novas casas, continuando a exploração pelo trabalho.<sup>16</sup>

Em outro momento a liderança explicita “esse nome “Queimadas” surgiu quando aqui era ainda uma mata virgem que tinha, aí [pausa na fala] começaram a cortar as árvores, para construir as casas, juntava e fazia aquelas coivaras e queimava, por isso o povo começou a chamar por esse nome.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). Então, junto com as mudanças territoriais para construção das casas, também se modificou o nome que era atribuído à comunidade, mudando de Lagoa do Major, para Queimadas.

Importa ressaltar que além da intensa relação dos moradores com o território, existe também um vínculo muito forte com as casas. Através das falas da maioria, percebe-se que a residência é o lugar onde as relações são estabelecidas, onde os filhos nascem e crescem, ou seja, para eles o bem maior estar no lugar onde se mora.

As territorialidades são instituídas por sujeitos sociais em situações

---

<sup>16</sup> LIMA, Hayla Fernanda Moura; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. A Comunidade Quilombola de Queimadas: a luta pelo reconhecimento e valorização da memória/história. **Revista Práxis Educacional**, v. 16, n. 39, p. 520-542, abr-jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6407>. Acesso em: 08 maio de 2020.

historicamente determinadas. Se hoje existem territórios quilombolas é porque, em um momento histórico dado, um grupo se posicionou aproveitando uma correlação de forças políticas favoráveis e instituiu um direito que fez multiplicar os sujeitos sociais e as disputas territoriais.<sup>17</sup>

As comunidades quilombolas viveram e vivem intensas lutas para conseguir a posse da terra que ocupam, entretanto, a realidade de Queimadas se difere nesse ponto, pois a mesma possui o documento de compra e venda. Apesar disso, os quilombolas ainda enfrentam muitos desafios em seu cotidiano. Ao observar os relatos, percebe-se que o território para eles é o lugar onde se constrói os laços familiares, ou seja, as terras da comunidade são passadas de pai para filho, e assim as casas são construídas em seu entorno, entretanto esse fenômeno impede que tenham espaço suficiente para produzir lavouras.

A comunidade tem sua história marcada pela luta contra a pobreza. A região é marcada pela seca, que se torna um agravante na vida dos moradores, além disso, existe a dificuldade no acesso aos serviços de saúde, educação e assistência social. Em todas as falas é notável as péssimas condições de trabalho que marcaram sua infância e juventude, com sofrimento e miséria. Isso explica porque o trabalho é tão importante nas narrativas dos sujeitos.<sup>18</sup>

Diante das condições socioeconômicas que essa população foi submetida, muitos moradores tiveram que procurar dias de trabalho em fazendas (algodão, cana-de-açúcar e café) de outros lugares da região para sustentar os filhos e família. Viver nessa constante migração não foi uma tarefa fácil para os moradores da comunidade, muitos possuíam crianças pequenas e não tinham onde deixá-las, não tendo escolha, a não ser, levá-las com eles.<sup>19</sup>

O trabalho nas fazendas se iniciou em meados da década de 1970. Neste período, as famílias se deslocavam para o vale do Rio São Francisco e ficavam acampados, durante vários meses ao ano, no interior dessas fazendas. Os relatos são dramáticos. Nas memórias

<sup>17</sup> SILVA, Simone Rezende da. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: LOMBA, Roni Mayer, et. al (org.). **Conflito, territorialidade e desenvolvimento**: algumas reflexões sobre o campo amapaense. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. (p. 144).

<sup>18</sup> SANTOS, Jamille Pereira Pimentel dos. **As etnicidades geracionais presentes na dinâmica do nascer, viver e morrer na comunidade quilombola queimadas, Guanambi/BA**. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2017.

<sup>19</sup> Id. (p.106).

estão presentes os danos e as perdas acumuladas nessa penosa e degradante realidade.

As narrativas se cruzam, os moradores relatam a saudade do tempo de infância na comunidade, mas também as dificuldades que passavam naquela época. A casa cheia de filhos e a falta de trabalho na região, além da escassez de recursos, obrigavam famílias inteiras a migrar para o trabalho árduo e desumano em fazendas ou em lavouras próximas na região.

Nois quando era pequena brincava de boneca, mas trabaia o tempo todo na roça, eu criei trabaiaando na roça, aquele tempo ruim, sem nada, e nois tinha que trabaiaar se quisesse comer. Quando a gente chegava do serviço de tarde ia brincar de casinha, mas ai eu apanhava da minha irmã mais velha [risadas], porque não tava fazendo o serviço da casa (LIDERANÇA QUILOMBOLA 3, março de 2019).

Fica evidente a intensa relação com o trabalho, pois segundo a liderança, sua infância ocorreu praticamente inteira dentro das lavouras. Ela também refere-se a um assunto que marca a maioria das mulheres de Queimadas, mesmo trabalhando na roça, as meninas ainda tinham que chegar à noite e realizar as tarefas domésticas.

As brincadeiras eram vinculadas aos afazeres domésticos, isso fica explícito nessa passagem da fala “[...] quando a gente chegava do serviço de tarde ia brincar de casinha, mas aí eu apanhava da minha irmã mais velha [risadas], porque não tava fazendo o serviço da casa”.

Dando continuidade à discussão, outra liderança descreve: “Eu jogava muita bola, pescava, mas eu trabaiaava demais, já enfrentei todo tipo de serviço, inchada, machado, lebanca, eu encarava tudo quanto é trabaio, trabaiei demais, pros outros e pra mim” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 5, março de 2019). Então, fica evidente nesta fala e na maioria dos relatos que essas pessoas cresceram trabalhando, enfrentando todos os tipos de serviços disponíveis na região.

Em outra narrativa podemos ver: “Comecei a trabaiaar com 6 anos de idade” [...] eu tinha 10 irmãos, e precisava ajudar meu pai dar de comer eles, porque eu era o mais velho, se eu contar minha história, cês chora, é muito triste”. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). Podemos perceber que o trabalho é parte integrante da sobrevivência da família. Uma quantidade muito grande filhos,

obriga os pais a fazerem uso da força de trabalho infantil. Ele continua:

[...] Quando sobrava um tempo de noite, depois que chegava da roça, a gente brincava de bola, aquelas bolas de meia, quando a gente ia chutar, rancava a cabeça do dedo. Tinha peteca, corda, fazia aquele foguinho, lembra? [apontando para a esposa]. As meninas e os meninos brincava junto sem malícia. Ai no outro dia, a gente ia cachingando trabaiaar, todo machucado [risadas] mesmo com todo sofrimento, a gente gostava (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019).

Esse relato ratifica que a infância dessas pessoas está intimamente ligada aos dias de serviço pesado na roça. A responsabilidade de cuidar da família e os ofícios dos pais eram ensinados desde os primeiros anos de vida. Essas falas nos dão pistas sobre a importância que essas relações têm na vida dos moradores e por esse motivo muitos abandonaram os estudos para ir à busca de um serviço seja nas fazendas ou em outro estado.

A infância em Queimadas não se difere muito da juventude, porque em ambas as etapas da vida, os moradores tinham que trabalhar arduamente para sobreviver. O que muda agora, é que as relações sociais são mais intensas e o peso da responsabilidade atribuída a eles são bem maiores, pois, é nessa fase que se realiza os matrimônios e começam a ter filhos e constituir famílias, com isso, precisam trabalhar ainda mais para conseguir os itens básicos de uma casa.

Com 16 anos, casei, aí começou o sofrimento, porque eu tinha que trabaiaar para dá de comer meus fi, a gente ia pra aquelas fazendas, fazia aqueles rancho de lona preta pra dormir de noite, e de dia, fazia aquelas latadas de palha, enchia de estera no chão, depois aterrava tudo nas beiras em baixo [gestos com as mãos], para cobra não entrar, e colocava meus menino pequeno tudo dentro (LIDERANÇA QUILOMBOLA 2, março de 2019).

Pode se perceber na fala da liderança que o sofrimento foi uma marca evidente em sua juventude. Durante o período de pesquisa foi perceptível que é um costume local as mulheres se casarem muito jovens e logo em seguida terem filhos.

De acordo com o relato da liderança, esse fato aconteceu por volta do ano de 1957, e nessa época a seca tomava conta da região, obrigando famílias inteiras a se deslocarem para as fazendas da região e de lugares distantes de algodão e

feijão. O que é algo que ainda vem acontecendo até nos dias atuais.

A identidade dos quilombolas está em constante processo de construção, isso porque as diferentes práticas sociais interferem em sua formação, seja no trabalho, no pertencimento territorial, na conquista dos direitos.

Os relatos dos quilombolas dialogam com práticas que há séculos persistem e rompem com seus status de liberdade. Isso é reforçado mais uma vez por uma liderança “Eu já trabalhei demais, já fui para Goiás, Minas Gerais e São Paulo, trabalhar na colheita de algodão e juntar raiz, era um servicinho ruim de fazer viu”. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). É perceptível a intensa relação de poder entre as classes e raças que foi construída na história do Brasil através do processo de hierarquização e se perpetua até os dias de hoje. Isso define “padrões, onde aspectos oriundos da imagem e cultura europeia tornam-se ideais e superiores a outras culturas. Dessa forma, esses aspectos são frutos da colonialização da nossa sociedade”.<sup>20</sup>

A migração para outras regiões a procura de trabalho para a sobrevivência ainda é uma realidade comum na região de Mutãs. Outrora, os ranchos de lona eram uma alternativa de subsistência nesses lugares para se proteger do frio e de possíveis perigos na noite. Durante o dia, as mães construíam cabanas de palha improvisadas para colocar os bebês e crianças pequenas, cobrindo do sol e do veneno que jogavam nas lavouras.

A minha fia, a gente fazia aquelas trempi pra fazer a comida, feijão, arroz e peixe, o dia que tinha, às vezes não tinha nem feijão pra comer. Tinha vez que nois tinha que passar o dedo em volta da panelinha de barro só pra senti o gosto da comida [fazendo os gestos com as mãos], porque não dava pra todo mundo, a gente dava os fi e nois ficava sem comer (LIDERANÇA QUILOMBOLA 2, março de 2019).

Desse modo, evidencia-se que as condições de trabalho eram desumanas, pois se tratava de uma quantidade absurda de pessoas em meio ao ambiente impróprio para viver. As pessoas precisavam trabalhar arduamente, e logo em seguida, se preocupava em buscar água muito distante no poço que era utilizada

---

<sup>20</sup> SANTANA, Élida Roberta Soares de; FERRAZ, Bruna Tarcilia. Formação continuada para a educação das relações étnicoraciais: relatos de cursistas do UNIAFRO-UFRPE. **ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. Vol. 4 n. 8, Jul–Dez. 2019. (p. 221-235). DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.5754> Acesso em: 05 de maio de 2020.

para consumo, cozimento dos alimentos e higiene pessoal.

Ainda pode se perceber que a fome era uma marca atenuante daquele tempo, a comida não era suficiente para a quantidade de filhos e muitas vezes a esposa e o marido ficavam sem alimentar. Não tinham como preservar certos tipos de alimentos, então a refeição era basicamente, feijão, arroz e peixe salgado, pois eram resistentes ao calor e o tempo.

Continua discorrendo outra liderança:

Quando a gente ia trabalhar levava sempre um animal, para ajudar carregar os meninos, quando um cansava, subia depois o outro. Era um tempo muito sofrido, muito ruim, meu pai trabalhava na roça, depois foi eu, depois foi meus fi. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 4, março de 2019).

Quando a liderança relatava as dificuldades da época que ia para as fazendas, a sua filha que estava presente no momento, afirmava junto relatando que se lembrava de tudo, do sofrimento dos pais e da época que ela ficava esperando eles retornarem do trabalho. (Diário de campo, 25 de março de 2019). Todas essas questões são pertinentes para refletir sobre os trabalhadores rurais que são constantemente atingidos e negligenciados, seja pela falta de trabalho ou a falta de políticas públicas voltadas para essas populações.

Eu casei com 19 anos, hoje uma moça dessa idade, ainda tá novinha. Eu já trabalhei demais nas fazendas, eu peguei meus filhos tudo e fui panhar algodão. Minha falecida tia, deu um pedaço de casa pra mim, tinha só 3 cômodos, uma casinha daquelas antiga de enchimento (LIDERANÇA QUILOMBOLA 3, março de 2019).

A partir da década de noventa, tiveram alterações no cenário brasileiro, a urbanização dos grandes centros e a revolução industrial são uma das marcas dessa época. As metrópoles se tornam um campo fértil para buscar emprego e melhores condições de vida. O que antes era o trabalho nas fazendas de algodão, agora, os plantios de laranja, cana de açúcar, além da pecuária ganham o cenário mercantil. Como nos relata um entrevistado “Eu tinha um primo que arrumou pra mim e um cunhado e outro primo, um serviço lá em São Paulo. Ele tinha muita criação, eu ganhava 400 conto, aí acabei trabalhando lá” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 4, março de 2019).

A constante rotina de ir e vir das fazendas se modificou a distância percorrida é ainda maior, o destino são as grandes cidades, dentre elas, São Paulo. Um novo cenário é formado na comunidade quilombola de Queimadas, sua densidade demográfica diminui gradativamente, pois os períodos de colheitas são de dez de meses a um ano. Além disso, as condições trabalhistas melhoram até certo ponto, pois, passaram a ter carteira assinada, podendo receberem seguro desemprego quando terminavam o trabalho, ou perdessem o emprego.

É interessante pontuar a preferência das empresas agrícolas para contratação de mão-de-obra migratória. Esse fato se dá porque os migrantes principalmente advindos do interior do nordeste se encontram num contexto de grande vulnerabilidade socioeconômica, estando, portanto, subordinado às condições impostas pela empresa. Além disso, muitos desconhecem os direitos trabalhistas e não possuem vínculo sindical e com isso essas empresas não cumprem com os encargos sociais necessários à manutenção da mão-de-obra.<sup>21</sup>

Uma consequência dessa migração é justamente a desintegração familiar. Isso acontece porque os indivíduos acabam deixando suas famílias e às vezes não retornam.<sup>22</sup> "Meu filho foi trabalhar em São Paulo, e morreu lá, tenho dois netos que não conheço." (LIDERANÇA QUILOMBOLA 3, março de 2019). Esse processo é marcado pela impossibilidade de escolher como se deseja viver. Na medida em que não há emprego nas regiões de origem, assim, esse modo de vida assentado na relação estreita entre os seres humanos e natureza sucumbe diante do "progresso" e do "desenvolvimento". Nesse ponto, o capitalismo é o determinante entre as relações e escolhas.

Essa migração para São Paulo é muito intensa, entre os moradores de Queimadas. Nos meses que não estão em período de colheita a densidade demográfica da comunidade praticamente dobra. Mas durante o plantio e frutificação principalmente da laranja, muitas casas são fechadas, as crianças são transferidas de escola, os bares se esvaziam, os espaços perdem metade do

<sup>21</sup> COSTA, Cândida da; HORTA, Carlos Roberto; ROLDAN, Martha Íris. **Novas formas de exploração do trabalho e inflexões do modelo de desenvolvimento**: precarização do trabalho e migração no século XXI. 2007. Disponível em: [https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=Afwww.periodicoselronicos.ufma.br](https://r.search.yahoo.com/_ylt=Afwww.periodicoselronicos.ufma.br). Acesso em: 24 mai. 2019.

<sup>22</sup> PONTES, Sabrina Kelly. **Migrações de trabalhadores maranhenses para o corte da cana-de-açúcar no interior do estado de São Paulo**: o percurso da "precisão". 2010. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010.

burburinho costumeiro e a estrada fica praticamente deserta. Isso ocorre, porque a grande maioria da população jovem da comunidade em idade produtiva abandona a escola e viaja para o interior de São Paulo em busca de melhores oportunidades.<sup>23</sup>

Outro ponto que vale destaque é a gratidão que os trabalhadores exercem sobre as empresas. Para eles o emprego, mesmo que em péssimas condições é uma “oportunidade” e não uma “condição”, isso fica nítido na maneira pela qual os mesmos se referem a elas e a naturalidade que falam sobre a situação desumana a qual vivem nessas colheitas. Todavia, essa migração tem como uma das consequências a exploração exercida contra os negros, nordestinos, índios e pobres na sociedade que vivemos, pode-se até dizer, uma escravidão contemporânea.

### **3 Um olhar das Lideranças quilombolas sobre a educação escolar local**

Quando se volta no tempo e se observa através das narrativas das lideranças, é perceptível a intensa relação que se mantém com o trabalho, ou seja, desde crianças são obrigadas a planejar suas vidas a partir dessas ideias. Além disso, é notável a valorização da escolarização pelos quilombolas e ao mesmo tempo como esta é negada através de décadas até os dias atuais. Constantemente são obrigados a escolher entre trabalho ou escola. Diante disso, questionamos: Como se deu o acesso à escola? Que educação era/ou é destinada aos quilombolas?

Pensar a educação escolar em comunidades quilombolas é pensar sobre a vida sociocultural dessas populações, com ênfase na memória coletiva, justamente porque é através das narrativas que se emergem os saberes dos ancestrais. Nesse sentido, a educação escolar quilombola deve ser pautada nas vivências, tendo em vista a valorização dos saberes tradicionais e a afirmação da

---

<sup>23</sup> SANTOS, Jamille Pereira Pimentel dos. **As etnicidades geracionais presentes na dinâmica do nascer, viver e morrer na comunidade quilombola Queimadas, Guanambi/BA.** 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2017.

identidade étnico-racial de crianças, jovens, adultos e idosos.<sup>24</sup>

No continente africano, as lideranças quilombolas se denominavam como *griôs* que eram os responsáveis pela “guarda” da memória do grupo e transmitem às gerações mais novas. Essa tradição é importante porque recupera o que muitas vezes se encontra submerso, sobretudo em grupos que foram dominados ou ignorados no passado<sup>25</sup>.

Posto isso, indagamos as lideranças sobre o seu processo de escolarização. Vejamos: “Eu não estudei muito, aprendi numa escola lá na Tabuinha, mas o professor era muito nervoso, aí não consegui prosseguir, eu sei assinar o nome. É tão bom a pessoa estudar, meus netos mesmo, tudo estuda.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 4, março de 2019). Essa narrativa nos dá pistas que educação destinada a essas pessoas, acontecia de forma adversa. As lideranças dão continuidade no discurso:

Eu não estudei não, porque meu pai não deixou, por causa da roça, a gente tinha que trabalhar pra ajudar no sustento da casa, os meninos meu mesmo, nenhum 'prende nada', porque eu também tive que levar eles tudo pra me ajudar no serviço. Estudar é o melhor que a pessoa faz. Na minha época era apertado de serviço, o pobre vivia muita dificuldade, eu tenho um sentimento que não estudei. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 3, março de 2019).

Estudei muito pouco, só até o 1 ano, quando estava mocinha, mas aí parei porque pareceu muito serviço para fazer e a gente vivia disso naquela época. Trabalhava 40 dias naquelas fazendas, aí a gente perdia tudo os assuntos, perdia de ano, aí desanimava. Depois casei que eu comecei a trabalhar pra valer, a gente derrubava o mato, juntava raiz e aí tinha que levar os meninos tudo pra roça. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 6, março de 2019).

Os dois relatos são de mulheres que tiveram sua infância e juventude marcadas pelo trabalho duro na roça e a pobreza. Essas falas demonstram a falta de oportunidades impostas aos moradores de Queimadas. A negação da educação escolar que acompanha a comunidade desde a sua formação. Isso fica bastante evidente nos relatos das lideranças.

---

<sup>24</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Parecer homologado CNE/CEB, 16/12 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, publicado no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.** Brasília, DF, 2012a.

<sup>25</sup> Id.

Estudei um pouquinho, mas o estudo era difícil demais. Antigamente era difícil demais. O estudo é como não tem, eu só não estudo mais, por causa das minhas vistas, mas minha esposa está estudando no salão, só que esse ano ainda não teve aula lá. (LIDERANÇA QUILOMBOLA 5, março de 2019).

O outro líder quando questionado sobre o estudo complementa: “Muito pouco, naquela época ao invés de estudar, a gente ajudava a dar comida os pequenos. Eu queria estudar, mas não tive oportunidade.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). Isso é muito marcante na vida de muitos moradores, isto, é o desejo de estudar, mas não ter o acesso à escola. A luta pelos direitos básicos acompanha as comunidades negras rurais desde o seu início do período colonial.

Outra liderança ratifica essa realidade enfrentada pelos moradores de Queimadas, que deixaram de estudar para trabalhar pela subsistência da família. Vejamos:

O serviço não me deixou estudar, porque eu precisava dar de comer pra meus filhos. A gente vivia em um rancho de lona, e com 10 filhos, a escola não era nada, hoje é que a gente vê o que é escola. A dificuldade obrigava a gente ir para as fazendas, e por isso a gente não ligava para a escola. [...] chega do serviço morto de cansado, e quem vive de serviço, vive aqui como? (LIDERANÇA QUILOMBOLA 2, junho de 2018).

A liderança aborda em sua história de vida, a realidade socioeconômica dos quilombolas. A região sofre com problemas de falta de oportunidades de trabalho/emprego, gerando um índice grande de migração. A liderança tem 78 anos e ainda trabalha na colheita de algodão, para ajudar o marido e os filhos. Para quem permanece na região, acaba indo colher (feijão, tomate, algodão, etc.) em outras fazendas, algo recorrente em toda região. Esses fatores apontam a falta de investimentos públicos na melhoria de vida dessas pessoas, como à idosa, mesmo com a idade avançada precisam trabalhar para sobreviver.

Outra liderança quando questionada se não sentia vontade de estudar, respondeu “Eu gosto, eu adoro estudar, enquanto tiver escola, e eu tiver vida e saúde, tó estudando. O estudo pra mim é bem melhor. Eu não perdia nenhum dia, se Deus ajudar que as aulas voltar.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 6, março de 2019).

No ano de 2018, funcionava na comunidade uma sala de aula no prédio da associação para os jovens e adultos, durante dois dias da semana. Essas aulas eram

ministradas por uma professora do município de Guanambi/BA, após muitas reivindicações, principalmente das pessoas idosas, para aprender a ler e escrever. De certa forma, foi muito importante para os moradores, apesar de não se tratar de uma educação escolar quilombola. Em 2019, as aulas foram suspensas, como nos informam duas lideranças: “Eu não estudei, comecei numa escolhinha aqui, mas aprendi nada, nada.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 2, maio de 2019).

Ano passado eu comecei estudar, no salão da associação, mas esse ano não teve escola ainda, dificultou, mesmo que tem o transporte, mas mesmo assim, a gente ainda não consegue ir [para a escola de Mutãs], porque chega de tarde da roça e cansado, e o ônibus tem aquele horário certo, não dá para ficar esperando a gente, aí por isso na escola na comunidade seria bom, porque a gente atrasava mesmo, mas tava chegando (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019).

Esses relatos nos mostram a falta que faz a escola na comunidade para atender não só os adultos e idosos, mas também as crianças e os jovens que se deslocam para Mutãs. Somando-se a isso, outro dado que ficou evidente durante o período de pesquisa, é o alto índice de analfabetismo e evasão escolar entre as lideranças quilombolas e os mais jovens.

Prosseguindo com a discussão, buscamos conhecer a educação formal que é destinada atualmente aos quilombolas. Indagamos sobre os trabalhos das escolas localizadas no distrito de Mutãs que atendem as crianças, adolescentes e jovens de Queimadas, um líder local respondeu: “Devia falar sobre a capoeira que tem aqui [...] e o reisado, pois não pode deixar acabar. Senão esses meninos novos nem vão saber [...] passar pra frente para não acabar.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 1, setembro de 2017).

Sobre os trabalhos das escolas com as questões quilombolas, outra liderança destaca: “Fala muito pouco, deveria falar mais, eu fui convidado para falar um pouco da cultura daqui e outra dia para levar uma apresentação, aí eu levei o Reisado.” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 7, abril de 2019). Essa apresentação ocorreu no dia consciência negra.

Pelo relato da liderança percebe-se que existe a tentativa de abordar a cultura de Queimadas no ambiente escolar, entretanto, isso ainda acontece de forma esporádica. Eventos pontuais e festividades (dias mães, reuniões, dias dos

país, e dia da consciência negra) não garantem aos estudantes o direito de estar imersos no ambiente escolar e tão pouco fornecem subsídios para que afirmem sua identidade quilombola. Nesse sentido,

[...] importa considerar que não há espaços nas escolas para as famílias e as lideranças quilombolas se colocarem como protagonistas e discutirem a educação que desejam para as suas comunidades. As instituições escolares não têm autonomia para gerir o trabalho educativo em consonância com as demandas dos quilombolas<sup>26</sup>

Quando questionado se já havia sido convidado para participar de alguma atividade ou evento na escola, um líder respondeu de imediato: “Não, às vezes as mães que vão lá [na escola], quando mandam avisar” (LIDERANÇA QUILOMBOLA 1, setembro de 2017). Através desta fala, nota-se que não existe diálogo entre, as lideranças e a escola, tendo em vista a construção de um currículo que contemple as especificidades da comunidade.

Ademais, as narrativas sinalizam a ausência de práticas educativas que envolvam as famílias e contemplem a realidade sociocultural dos educandos. Assim sendo, é imprescindível compreender que o conhecimento sobre raça e etnia que é incorporado pelos currículos não pode ser separado daquilo que as crianças e jovens se tornarão como seres sociais<sup>27</sup>.

A educação destinada aos moradores de Queimadas é distante de uma educação escolar quilombola. Historicamente a falta de um currículo intercultural marca a trajetória de muitos moradores. Além do que, as condições socioeconômicas interferem de forma direta ao acesso e permanência nas escolas. As lutas que acompanham seus moradores permeiam as mais variadas áreas, entre elas a educação, o trabalho, o bem estar e a qualidade de vida.

Diante disso, é necessário a descolonização dos currículos da Educação Infantil às universidades<sup>28</sup>, para que os saberes tradicionais, a memória, a cultura e

<sup>26</sup> MACÊDO. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA**: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2015. (p.179).

<sup>27</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo**. 3ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

<sup>28</sup> GOMES, Nilma Lino. **Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos currículos. Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, Jan/Abr2012.

a história dos sujeitos que foram historicamente invisibilizados e/ou estereotipados, a exemplos dos negros, indígenas e quilombolas possam ser contemplados nos cursos de formação docente, nos currículos escolares e nas práticas pedagógicas.

Nesse sentido, é urgente a implementação de uma educação escolar quilombola que trabalhe com as especificidades, origens e cultura de Queimadas. As escolas que atendem estudantes oriundos dos quilombos, como as localizadas nas comunidades quilombolas devem contemplar em seus currículos, nos projetos políticos pedagógicos e em suas práticas os aspectos históricos, culturais, territoriais, simbólicos e econômicos dessas populações. Os estudantes, devem apropriar dos conhecimentos que dizem respeito a suas tradições, para o reconhecimento, valorização e continuidade dessas, sendo assim, as propostas de educação necessitam ser pensadas junto com quilombolas, tendo esses como protagonistas para a construção de uma ação educativa de acordo a sua realidade.<sup>29</sup>

Em se tratando da Educação de Jovens e Adultos (EJA), esta modalidade específica de educação deve atender as realidades socioculturais e os interesses dos moradores das comunidades, vinculando o trabalho pedagógico à vida. Deverá ser uma proposta contextualizada nas lutas, histórias e culturas desses indivíduos tanto nas escolas que atendem esses alunos fora de seus territórios, como àquelas dentro de comunidades<sup>30</sup>.

Esses desafios não são uma tarefa fácil, requer a participação da comunidade, das escolas e de todos em seu entorno, para a implementação de políticas públicas educacionais específicas nas comunidades quilombolas, contando com a colaboração (Município, Estado, Distrito Federal e a União), em busca da garantia dos direitos destinados a essas populações, tendo em vista gerar propostas de educação escolar diferenciadas, a partir de dentro dos quilombos, para que possam garantir a essas populações o direito à educação apropriada às suas diferenças étnicas e culturais.

---

<sup>29</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica, Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012, que define as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**, Brasília, DF, 2012b.

<sup>30</sup> BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Parecer homologado CNE/CEB, 16/12 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, publicado no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, DF, 2012a.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto buscamos apresentar algumas reflexões de um trabalho de conclusão de curso, realizado a partir de uma pesquisa de Iniciação científica que buscou conhecer as histórias e memórias da comunidade quilombola de Queimadas, tendo como foco as trajetórias de vida e a educação escolar local.

A oralidade é um dos elementos importantes de transmissão da cultural local. Através das narrativas das lideranças quilombolas, foi possível perceber que a história da localidade está imbricada com a dos moradores, isso porque, para seus habitantes o território possui significados que constituem as trajetórias de vida de cada um. Por esse motivo, a escola na comunidade é uma das lutas mais importantes para os quilombolas. Além disso, importa destacar a importância da trajetória de vida das lideranças para compreender o contexto social e histórico a qual a comunidade está inserida.

A história de Queimadas é também de seus moradores, que durante a infância e juventude trabalharam duramente nas fazendas e nas lavouras para cuidar da família. A migração se tornou uma realidade recorrente a partir da década de 90, e assim, toda a dinâmica se modificou na medida em que os quilombolas passam grandes temporadas fora e depois retornam para a comunidade.

Cabe destacar que o processo de reconhecimento da comunidade como quilombola foi um divisor de águas em sua história, isso porque junto com a certificação, os moradores ganharam visibilidade socialmente, além disso, todos agora podem conhecer sua história e respeitar sua cultura. Apesar de não haver nenhum projeto voltado para atender as demandas locais, o processo de se reconhecer por si só já é uma grande vitória para a localidade.

Os resultados evidenciam um distanciamento da escola com a comunidade, dificultando a discussão de temáticas importantes, como valores, cultura, história e identidade dos quilombolas. As famílias não são convidadas a participar de discussões voltadas para o currículo e práticas educativas, ou seja, são requisitadas apenas em reuniões e comemorações pontuais, desvinculadas da realidade de Queimadas. A relação estabelecida então, se dá de forma esporádica, já que tais convites não tratam das especificidades da localidade, tão pouco abordam as

temáticas étnico-raciais e quilombolas.

A forma como a comunidade concebe as escolas tem relação com as suas vivências e lutas. As migrações para São Paulo em busca de uma vida melhor, é um dos primeiros aspectos que dificultam a participação dos moradores nos trabalhos escolares e contribui para a evasão escolar dos estudantes. Dois fatores que certamente interferem também nesse processo, são: a negação do acesso à educação formal e a invisibilidade dentro das escolas de suas histórias, tradições valores e culturas.

Diante disso, ratificamos a urgência da descolonização dos currículos, pois as histórias da comunidade e de suas lideranças carregam consigo uma gama de significados que enriquece o currículo e as práticas educativas. Por isso, é importante a formação de professores com foco nas diferenças, tendo em vista a construção de uma educação intercultural crítica e antirracista.

## 5 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática escolar**. 15. Ed. Campinas. São Paulo: Papirus, 2008.

BA, Territórios de Identidade. **SEPLAN**. Secretaria de Planejamento. Disponível em: [seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17](http://seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17). Acesso em: 15 de maio de 2020.

BRASIL, Fundação Cultural Palmares. **Certidões expedidas e Comunidades certificadas** (Dados atualizados até a Portaria nº 36 de 21/02/2020). Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 05 de mai. de 20.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Brasil, **Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2003/D4887.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm). Acesso em: 15 de maio de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Parecer homologado CNE/CEB, 16/12 do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica, publicado no D.O.U. de 20/11/2012, Seção 1, Pág. 8, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, DF, 2012a.

COSTA, Cândida da; HORTA, Carlos Roberto; ROLDAN, Martha Íris. **Novas formas de**

**exploração do trabalho e inflexões do modelo de desenvolvimento:** precarização do trabalho e migração no século XXI. 2007. Disponível em: [https://r.search.yahoo.com/\\_ylt=Afwww.periodicoseletronicos.ufma.br](https://r.search.yahoo.com/_ylt=Afwww.periodicoseletronicos.ufma.br). Acesso em: 24 mai. 2019.

GOMES, Nilma Lino. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, Jan/Abr2012.

LIMA, Hayla Fernanda Moura; MACÊDO, Dinalva de Jesus Santana. A Comunidade Quilombola de Queimadas: a luta pelo reconhecimento e valorização da memória/história. **Revista Práxis Educacional**, v. 16, n. 39, p. 520-542, abr-jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6407> acesso em: 08 mai. 2020.

MACÊDO. Dinalva de Jesus Santana. **O Currículo Escolar e a Construção da Identidade Étnico-racial da Criança e do Adolescente Quilombola:** um olhar reflexivo sobre a autoestima. 2008. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2008.

MACÊDO. **Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA:** indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais. 2015. 217 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PONTES, Sabrina Kelly. **Migrações de trabalhadores maranhenses para o corte da cana-de-açúcar no interior do estado de São Paulo:** o percurso da “precisão”. 2010. Tese (Doutorado) Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2010.

SANTANA, Élide Roberta Soares de; FERRAZ, Bruna Tarcilia. Formação continuada para a educação das relações étnicoraciais: relatos de cursistas do UNIAFRO-UFRPE. **ODEERE – Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**. Vol. 4 n. 8, Jul –Dez. 2019. P 221-235.

SANTOS, Jamille Pereira Pimentel dos. **As etnicidades geracionais presentes na dinâmica do nascer, viver e morrer na comunidade quilombola Queimadas, Guanambi/BA**. 2017. 198 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, Bahia, 2017.

SILVA. Simone Rezende da. Quilombos no Brasil: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. In: LOMBA, Roni Mayer, et. al (org.). **Conflito, territorialidade e desenvolvimento:** algumas reflexões sobre o campo amapaense. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade – uma introdução às teorias do currículo. 3. Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SILVA, Valdélío Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de quilombo**. 1999. Disponível em: <https://docplayer.com.br/36527896-Santos-silva-valdelio-rio-das-ras-a-luz-da-nocao-de-quilombo-afro-asia-num-23-1999-p-0-universidade-federal-da-bahia-bahia-brasil.html>. Acesso em: 10 de março de 2019.

**Érica Samily Silva Teixeira:** Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus XII de Guanambi/BA. Vinculada ao Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire- NEPE. Linha de Pesquisa: Currículo, diversidade e formação docente.

**Dinalva de Jesus Santana Macêdo:** Doutora em Educação e Contemporaneidade. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Departamento de Educação, Campus XII de Guanambi-Ba. Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire- NEPE. Linha de Pesquisa: Currículo, diversidade e formação docente. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – PPGED UESB, Campus de Vitória da Conquista.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Artigo recebido para publicação em:** 18 de maio de 2020.

**Artigo aprovado para publicação em:** 29 de maio de 2020.